



## SOCIABILIDADES, MEDIAÇÃO E RIVALIDADE: OS ENSAIOS E OS CONCURSOS CARNAVALESCOS

Renata de Sá Gonçalves\*

\* Doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2008). Autora do livro *Os ranchos pedem passagem* agraciado com o Prêmio Carioca de Pesquisa 2003 (Secretaria de Cultura da Prefeitura do Rio de Janeiro, Coleção Biblioteca Carioca, 2007). Atualmente é bolsista recém-doutora do Programa de Especialização em Patrimônio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

### ABSTRACT

In this article we show how certain ludic and recreational societies - carnival ranchos - have established relational patterns for the groups by setting organization models (such as the rehearsals) and carnival competitions (such as the parades), also important for the samba schools. Wishing to acquire prestige and a wider social broadcasting for musical, artistic and social associations, rehearsals and competitions between the carnival communities were decisive.

1. Para uma análise do mecenato do jogo do bicho, cf. CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti. O mecenato do jogo do bicho no carnaval carioca. In: *O rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

2. No carnaval do ano de 2008, o grupo especial englobou as 12 escolas mais grandiosas. Seguem, abaixo do grupo especial, cinco grupos de acesso que ocupam uma ordem decrescente de status nesse ranking: os grupos A (com 10 escolas), B (com 14 escolas), C (com 14 escolas), D (com 14 escolas), E (com 8 escolas). As escolas do Grupo Especial têm seu desfile organizado pela Liga Independente das Escolas de Samba, a LIESA. Os desfiles dos grupos de acesso são organizados pela Associação das Escolas de Samba da Cidade do Rio de Janeiro, AESCRJ.

3. Para o estudo do carnaval carioca no século XIX, especialmente sobre as Grandes Sociedades carnavalescas, cf. FERREIRA, Felipe. *Inventando carnavais: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.

**A**o longo da segunda metade do século XX, as escolas de samba cariocas promoveram renovadas articulações entre poderes públicos, instituições privadas e a informalidade (como o mecenato do jogo do bicho<sup>1</sup>). As escolas fomentaram uma crescente adesão de diversas camadas sociais em torno do que se tornaria um grande espetáculo, "o maior show da terra". Atualmente, as escolas do Grupo Especial<sup>2</sup> reúnem-se nos dias de carnaval em torno do tão esperado desfile de carnaval, um concurso altamente competitivo que é também um grande espetáculo festivo, acompanhado nacionalmente e internacionalmente por meio de sua transmissão televisiva ao vivo. Se atualmente o desfile tem tanto sucesso e representatividade no carnaval da cidade, tornou-se necessário qualificar como o processo de articulação e de rivalidade entre agremiações carnavalescas aconteceu ao longo do século XX<sup>3</sup>.

Os ranchos carnavalescos<sup>4</sup> foram pequenas sociedades carnavalescas que se estabeleceram no início do século XX, antes mesmo da formalização das escolas de samba. Os ranchos inauguraram um modelo inédito de agremiação sócio-recreativa e musical cuja principal apresentação pública se dava através de cortejos pelas ruas do centro da cidade em dias de carnaval. Eles

reuniam músicos com instrumentos de corda e sopro, pastoras e dança em torno de um tema.

A proposta do artigo é indicar que tais sociedades lúdicas e recreativas estabeleceram parâmetros relacionais entre os grupos por meio da consolidação de modelos de organização (como os ensaios) e de competição carnavalescas (como os desfiles competitivos), também importantes nas escolas de samba. Com vistas ao prestígio e à circulação social mais ampla de associações musicais, artísticas e sociais, os ensaios e concursos entre agremiações carnavalescas foram decisivos.

### **Preparação para o carnaval : os ensaios operando uma rede de sociabilidades**

Os préstitos das sociedades carnavalescas estão presentes nas ruas do Rio de Janeiro desde meados do século XIX. Aos eventos públicos nas ruas do centro da cidade, antecediam os desfiles em seus bairros de origem, as festas nas casas, os pagodes nos terreiros, as festas nos salões, os ensaios nos clubes, as conversas em bares.

Os ensaios em torno das sociedades carnavalescas, desde muito cedo, não tinham unicamente a função utilitária de preparação para o espetáculo. Os ensaios tinham também seus próprios percursos e suas funções sociais.

Exemplos, como os ensaios de orquestra<sup>5</sup> ou a preparação de um carnaval de uma escola de samba, demonstram que o período que antecede a apresentação exige muitos meses de trabalho e de convívio social. Implica e revela a formação de complexas redes sociais e de níveis de interação diferenciados. Os ranchos carnavalescos do começo do século XX são bons exemplos de grupos articuladores de redes de relações, atravessando níveis sociais e de interação complexos. Segue um trecho publicado no *Jornal do Brasil*, datado de 1911, em que se divulga o ensaio geral da Sociedade Dançante Carnavalesca Papoula do Japão.

Realizou-se quarta-feira última, nesta sociedade, o ensaio geral, que esteve bastante concorrido. O coro, composto de elegantes senhoritas, executou diversos e harmoniosos cantos acompanhados pela bem dirigida orquestra.

As danças dedicadas a Momo foram desempenhadas por diversos sócios, salientando-se dentre todos, pela agilidade e desembaraço, a menina Palmyra.

Para os três dias de carnaval preparam surpresas que estão sendo ensaiadas pelo conhecido e competente ensaiador Sr. Eduardo das Neves.

A Diretoria amável como sempre, obsequiou os presentes com vinhos, licores, doces, etc. sendo nesta

ocasião erguidos entusiásticos vivas ao "*Jornal do Brasil*".<sup>6</sup>

Os ensaios promovidos pelos ranchos eram, desse modo, momentos de extrema articulação, quando se reuniam grupos e segmentos sociais diversos que deles participavam.

Os ensaios eram realizados não apenas em suas sedes, mas também em clubes, teatros e centros recreativos. Além do ensaio, onde músicas eram cantadas pelo "corpo coral", regido pelo "mestre de harmonia", havia outras atrações. No ensaio do Ameno Resedá, na nota acima, há a descrição do "grandioso festival" que teria lugar no "Centro Gallego", local do ensaio. Além da apresentação do corpo coral, cantando todas as músicas do repertório do carnaval do ano corrente, haveria também "comédias e cenas cômicas" desempenhadas pelo "Grêmio Dramático Coelho Netto" e o espetáculo seria encerrado com a "farsa" denominada "eu .... e eles".

Chegou afinal o tão desejado dia do ensaio geral do Recreio das Flores. O Teatro Lírico certamente será pequeno para acomodar o grande número de admiradores do grande rancho que na época atual vem servindo de incentivo às sociedades congêneres. "Lord Radamés" ou melhor, o Darino, já não sabe como se desenvolver para

4. Já com pouca expressividade nos carnavais da segunda metade do século XX, os ranchos desapareceram por completo na década de 1960. Sobre o processo de estabelecimento gradual no carnaval carioca e o processo de aparecimento e consolidação dos ranchos cf. GONÇALVES, Renata de Sá. Os ranchos pedem passagem: o carnaval no Rio de Janeiro do começo do século XX. Rio de Janeiro: Coordenação de Documentação e Informação Cultural, Prefeitura do Rio de Janeiro, 2007. (Biblioteca Carioca; Publicação científica v.48).

5. Para uma análise antropológica sobre ensaios de orquestra Cf. TRAJANO, Wilson. *Músicos e Música no meio da Travessia*. Universidade de Brasília. Departamento de Antropologia, 1984. Dissertação de mestrado.

6. *Jornal do Brasil*, ano XXI, n.57. Domingo, 26 de fevereiro de 1911.

7. Jornal do Brasil, ano XXXI, n.33. Quarta-feira, 2 de fevereiro de 1921.

que a festa de hoje no Teatro Lyrico assumia proporções de uma verdadeira apoteose.

Eis o programa atraente da maravilhosa festa:

1a parte - pela Escola Dramática Luso-Brasileira, a representação da comédia em três atos de Rangel de Lima "Boneca Alemã". Distribuição: Anna, atriz Odette Tavares; Quitéria, Estephania Louro; Felix, Alberto Santos; Sebastião, Vasco Ribeiro; Luiz, Frederico Pulolo e João, Viriato Arruda.

2a parte - pelo corpo coral da S.D.C. Recreio das Flores, que assim levará a efeito o seu ensaio geral, serão cantadas as marchas com que a mesma sociedade apresentar-se-á ao povo carioca durante os três dias do próximo Carnaval.

1o "Recreio das Flores", hino, música de Romeu Silva, letra de Oscar de Almeida; 2o "Ouvindo as aves", marcha, música de Arnaldo Correa, letra de Oscar de Almeida; 3o "Saudade", música e arranjo de Romeu Silva e letra de Oscar de Almeida; 4o "Nuvens que passam", música de Romeu Silva e letra de Oscar de Almeida.

3a parte - 5o "Entre pérolas", marcha, música de Alfredinho e letra de Oscar de Almeida; 6o "Segredos de arrebol", marcha, música de Achilles dos Santos e letra de Oscar de Almeida; 7o "Culto à música", marcha, música de Romeu Silva e letra de Oscar de Almeida; 8o "Odisséia de Sairá", marcha, arranjo e música de Romeu Silva, letra de Oscar de Almeida.<sup>7</sup>

Nesse outro exemplo, descreve-se a programação do ensaio geral do rancho "Recreio das Flores". Dessa vez, no "Teatro Lyrico", o ensaio "assumiria proporções de uma verdadeira apoteose". Como descrito na programação, o ensaio foi dividido em três partes. Na primeira, haveria a representação da comédia em três atos de Rangel de Lima "Boneca Alemã" pela Escola Dramática Luso-Brasileira. Na segunda parte, haveria a apresentação de quatro músicas, sendo o hino "Recreio das Flores" a primeira delas. Na terceira e última parte, haveria a apresentação de mais quatro músicas, todas de autoria de Romeu Silva e Oscar de Almeida.

O ensaio geral no Centro Gallego No Centro Gallego realiza-se hoje o ensaio-geral do rancho-escola, o Ameno Resedá. A festa promete ser atraente:

1a parte - A comédia em três atos "Empresta-me a tua mulher"

2a parte - Ato de cabaret, no qual tomarão parte os seguintes amadores: Manuel Pereira, Antonio Lucio, Antonio Simões, Nestor Miranda, Sady Bandeira, Joaquim Mathias e, por especial deferência, a atriz Virgínia Lazzaro e o ator Aprígio de Oliveira.

3a parte - Ensaio geral - apresentação do corpo de coros:

1o "Resedá e Resedá" (marcha), música de Raul Malagutti, letra de M. Martins. 2o "Triumpho da

Águia" (marcha), música de Bomfilio de Oliveira, letra de Aníbal Pacheco. 3o "Consolação" (marcha), letra de Oscar de Almeida, música de Bomfilio de Oliveira. 4o "Carurau" (samba), letra de Aníbal Pacheco, música de Bomfilio de Oliveira. 5o "Saudades", música de Bomfilio de Oliveira, letra de Napoleão de Oliveira. Final - Uma saudação ao Brasil.<sup>8</sup>

Nesse outro exemplo, o ensaio-geral do Ameno Resedá é programado em três partes. O ensaio é realizado, como no ano anterior, no "Centro Gallego". Na primeira parte, a apresentação da comédia em três atos "Empresta-me a tua mulher". Na segunda parte, há o "ato de cabaret". E, por fim, na terceira parte, o "ensaio geral", a "apresentação do corpo de coros", onde cinco músicas foram cantadas.

Os ensaios eram, portanto, espaços de encontros que não eram acessórios ou complementares à festa carnavalesca. No contexto do carnaval carioca contemporâneo, os encontros<sup>9</sup> são a regra (e não raridade). A questão mais evidenciada aponta para as trocas intensas e produtivas entre camadas médias e populares, enfatizando as sociabilidades entre "intelectuais e artistas eruditos de famílias brancas e ricas e músicos negros e pobres"<sup>10</sup>.

Eram, em si mesmos, partes constituintes e articuladoras dos diversos atores

sociais que integravam a festa, relacionando-os entre si. O alargamento das bases sociais entre grupos e segmentos sociais atingia seu grau máximo no período carnavalesco, desenhando seu círculo mais amplo de ação social no cerne do processo de confecção e preparação do carnaval dos ranchos.

### **Cronistas mediadores<sup>11</sup>**

Os ensaios, realizados durante o ano inteiro, tinham função articuladora entre grupos e segmentos sociais diferenciados. A participação nos ensaios dos ranchos carnavalescos não era prioritariamente dos "sócios". Eram realizados em teatros ou em clubes, não apenas em suas sedes e tinham um caráter inclusivo, ainda que extremamente regrado.

Além dos ensaios nas sedes dos ranchos, em teatros ou em locais alugados para tais fins, freqüentados por sócios e, algumas vezes, por um público pagante, havia também os "convidados", freqüentemente membros da imprensa sempre bem quistos e de presença valorizada pelos grandes e pequenos clubes. Desde o século XIX, os cronistas eram convidados privilegiados dos clubes carnavalescos, participando e escrevendo sobre seus bailes onde eram recebidos com aplausos e brindes, mantendo, de modo geral, uma relação bastante amis-

8. *Jornal do Brasil*, ano XXXI, n.34. Pág. 10. Quinta-feira, 3 de fevereiro de 1921.

9. O "mistério do samba", analisado por Hermano Vianna (VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. UFRJ, 1995), parte do notável encontro em 1926 entre Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Prudente de Moraes Neto e Villalobos com os músicos Pixinguinha, Donga e Patrício Teixeira. Não foi um evento único e raro. Como este, outros tantos marcaram época, como o encontro entre Manuel Bandeira e José Barbosa da Silva, o Sinhô, analisado por Gardel (1996). O processo de mediação cultural assim promovido serviu como mote para a análise de expressões da identidade cultural e da produção artística que foram identificadas a partir da década de 1920 no Rio de Janeiro.

10. VIANNA, Hermano. O mistério do samba. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. UFRJ, 1995. p. 20

11. Para a noção de mediação cultural cf. VELHO, Gilberto & KUSCHNIR, Karina. "Mediação e metamorfose". *Revista Mana*. Estudos de Antropologia Social, vol.2. n.1, pp.97-108, abril 1996.

tosa com os dirigentes. Os pequenos clubes ou pequenas sociedades, dando especial atenção à presença dos cronistas, seguiam o modelo já praticado pelas Grandes Sociedades carnavalescas.

A fixação das sedes dos ranchos destacava-se como locais privilegiados para as reuniões festivas durante todo o ano. No primeiro quartel do século XX, os nomes dos ranchos eram, em sua maioria, de flores e animais. No segundo quartel do século passaram a ter, também, nomes vinculados aos bairros. Do mesmo modo, suas sedes tinham nomes: Tear (sede dos Caprichosos da Estopa), Jarra (sede do Ameno Resedá), Canteiro (sede do Recreio das Flores), Cesta (sede das Mimosas Cravinas), Galho (sede do Flor do Abacate). No entanto, apesar do aumento do número de ranchos com nomes vinculados aos seus próprios bairros nas décadas de 1920 e 1930, permaneciam ainda os ranchos com nomes de flores, tendo esses, inclusive, se destacado nos concursos e elogios da Imprensa. As sedes nomeadas, especialmente com nomes tais como o "tear", a "jarra", eram apenas aquelas vinculadas aos ranchos com nomes de flores e não aqueles com nomes de bairros.

As sociedades delimitavam, assim como os bairros, lugares sociais. Os nomes dos ranchos marcavam um pertencimento específico, especialmente vincu-

lado a um espaço definido, uma relação entre as coisas e o seu "depositário", definindo, entre eles, uma relação de contigüidade. A metonímia, relacionando a parte ao todo, é estabelecida entre estopa-tear, resedá-jarra, flores-canteiro, cravinas-cesta, abacate-galho. Em outros casos, a relação de uma sociedade com sua localidade de origem é determinada no próprio nome do rancho, revelando o bairro a que está associado, como "Estrela do Engenho Velho", "Flor da Gávea", dentre outros.

Notamos, nos nomes dos ranchos, que passam, principalmente a partir da segunda década do século, a referirem-se, sobretudo, ao pertencimento ao seu bairro, uma desvinculação crescente com a origem "rural" e folclórica do rancho. Por outro lado, os ranchos considerados mais "tradicionais", mesmo já nas décadas de 1930 e 1940, foram aqueles que possuíam seus nomes relacionados às plantas e animais. Dentre eles, estiveram em evidência o Ameno Resedá, o Flor do Abacate, o Recreio das Flores, o Mimosas Cravinas.

Além da delimitação de um espaço, de uma "sede", de uma referência ao bairro de origem que marcavam um "pertencimento", enfatizava-se o deslocamento, principalmente as "visitas". As

visitas às sedes dos ranchos ou aos clubes, onde se organizavam os ensaios musicais e os demais eventos de confraternização, como os churrascos, peças teatrais, apresentações de coros, eram recorrentes, principalmente entre alguns ranchos maiores e mais estabelecidos. Destacavam-se os eventos promovidos pelo rancho "Ameno Resedá" e o rancho "Recreio das Flores".

Vejamos a descrição de Orestes Barbosa (1893-1966), cronista que vai a um baile no rancho "Caprichosos da Estopa" no ano de 1921. A sede desse rancho é denominada de "tear". O autor inicia a crônica descrevendo sua chegada e dando suas primeiras impressões:

"Eu cheguei ao Tear quando o baile estava quente, às duas horas da manhã. Crioulos, crioulas e mulatos mal se equilibravam nos sapatos de raro convívio com os pés chatos. Uma charanga, composta de clarineta, trombone, saxofone, tambor, violões e pandeiros, fazia o pessoal delirar no arrasta-pés."<sup>12</sup>

A presença de cronistas carnavalescos nos jornais, noticiando a participação de artistas, de músicos, de literatos, de jornalistas indicava uma consagração desses atores sociais na sociedade mais ampla, estabelecendo um forte vínculo dos intelectuais da imprensa com os contextos

sócio-culturais tidos como populares.

O autor descreve, na crônica abaixo, sua chegada na festa do rancho Caprichosos da Estopa, com ênfase na relação estabelecida entre "seu Zizinho", jornalista já freqüentador do rancho citado, e os sócios do rancho. Saudando a imprensa, o autor expressa o quão festejado são os cronistas, "artistas da palavra escrita". O autor aponta para os "dotes oratórios", ironizando o emprego de palavras rebuscadas, faladas incorretamente e, evidentemente, pouco utilizadas no vocabulário do orador do rancho que as empregava<sup>13</sup>.

" - Esta aí seu Zizinho.

Era a imprensa que chegava.

Eu, que ali estava com um convite cheio de novidades - oferta régia de um cronista de carnaval -, ia enfim passar mais radiante o resto da noite, no convívio, por tudo precioso, desse colega que se anunciava assim tão íntimo da agremiação.

(...)

Seu Zizinho quebrou o corpo para a direita e caiu em cheio no burburinho das mulatas.

Que prestígio!

Eu estava assim, embevecidamente contemplando o sucesso do meu confrade, quando o presidente do clube anunciou que ia fazer uma saudação à imprensa.

A charanga parou instantaneamente.

12. (BARBOSA, Orestes. Bambambã! (crônicas). Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1993. p. 75).

13. Sobre a relação da oralidade nas letras de samba-enredo conferir VALENÇA, Rachel Teixeira. Palavras de purpura. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1983. (Dissertação de mestrado).

(...)  
O presidente anunciou o discurso, mas deu a palavra ao mulato de óculos.

Meu Deus, a minh'alma deve muito ao céu esses instantes de inenarrável satisfação!

O mulato principiou, dirigindo-se a mim:

Senhor representante da imprensa. E fez um parênteses:

Seu Zizinho eu já conheço.

Continuando:

Seu Zinho! Este clube tem hoje a alegria em duplicata. Tem a presença deste baluarte da nossa glória, que é seu Zizinho, e tem mais a presença deste jovem, mas já festejado artista da palavra escrita, símbolo da nossa *regúlia* meridional.

*Regúlia* impressionou-me.

O orador balançou mais o copo de cerveja e terminou, depois de muita preciosidade que eu não apanhei.

Saudando a imprensa, que é a força primaz da nossa terra, que faz, in loco, a clarividência etêrnil da obscuridade do valor, (sensação), eu bebo pela felicidade geral do clube, seus sócios e sócias, e aqui pela de seu Zizinho que sendo da imprensa é também pessoa *diluída* da nossa agremiação.<sup>14</sup>

Verificamos o deslocamento evidenciado pelo cronista na relação entre o empolgado orador, representante do rancho, e o seu Zizinho, representante da Imprensa e da "arte escrita". No entanto, parece ser a bebida e a música o grande fator de agregação e de diluição das possíveis

diferenças entre um e outro, contexto em que seu Zizinho, com prestígio, "quebrou o corpo para a direita e caiu em cheio no burburinho das mulatas".

### **O caráter agonístico: competições e prêmios**

Além das "visitas" e dos "convites", as competições e os prêmios, oferecidos aos ranchos, foram também importantes meios de promoção de sociabilidades, colocando em perspectiva a rivalidade e a competição entre os grupos carnavalescos.

As disputas e premiações começaram a acontecer com os cordões. Santos (2000) indica que em 1906, o jornal "Gazeta de Notícias" publicou que tantos foram os concorrentes para aquele ano que "o jornal foi forçado a dobrar os prêmios e a distribuir grande número de menções honrosas"<sup>15</sup>.

Desde a primeira década do século XX, as coroas de flores, presenteadas pelos comerciantes das funerárias aos cordões mais vistosos, acentuam a rivalidade entre cordões e ranchos, que não raramente brigavam entre si de forma violenta, com pessoas feridas e mortas; esses são exemplos de como a tensão entre a vida e a morte não é apenas sugerida, mas também, em alguns casos, levada ao seu termo. Desse modo, o

14. (BARBOSA, Orestes. Bambambã! (crônicas). Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1993. p. 75-7)

15. SANTOS, Fábio Augusto de Oliveira. Uma festa e suas máscaras: carnavais populares no Rio de Janeiro de 1886 a 1923. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho / Assis, 2000. Dissertação de Mestrado. p. 128-9.

carnaval dos ranchos expressava grandes tensões internas e externas, onde, em última instância rivalizam-se a vida e a morte. Por outro lado, esse jogo é revelador das intensas trocas culturais promovidas pela dinâmica das expressões carnavalescas no Rio de Janeiro. Grupos, segmentos sociais e atores sociais diversos se confrontam e se relacionam, nos mais variados níveis.

A rivalidade e disputa entre sociedades eram promovidas também pelos concursos e premiações oferecidas pelos comerciantes, pela Imprensa, pelo poder público e até por famílias mais abastadas.

#### Concurso "A Realidade"

Carnaval Ao bronze!

Carnavalescos! Vinde à redação do Jornal do Brasil e admirai o belo artístico e curioso "Realidade" ao Concurso Carnavalesco que ora se acha em vigor.

O trabalho de Rancoulet denomina-se "Les Muses". O belo bronze que representa a Glória, a Fama, a Música, a Poesia, acha-se sobre uma rica coluna de peroba envernizada com filetes dourados.

Ao bronze! - A realidade!

É ele dedicado à sociedade que melhor se distinguir pela originalidade e beleza de suas fantasias, pela afinação de suas orquestras e harmonia dos seus cânticos.

O vencedor receberá um rico e artístico bronze que por intermédio do Jornal do Brasil oferecerão os

Srs. Carlos e C. estabelecidos com o grande armazém de móveis denominado "A Realidade" à rua Haddock Lobo n.3. O bronze acha-se na sala de redação do Jornal do Brasil. Para este concurso valerá o seguinte cupom:

[Jornal do Brasil

Concurso carnavalesco

Qual é a melhor sociedade?

Bronze da Casa "A Realidade" Rua Haddock Lobo, 3].

Este concurso encerra-se hoje, às 6 horas da tarde, quando se realiza a última apuração.

O bronze será entregue sábado de Aleluia.

Eis o resultado da última apuração:

Flor do Abacate 7669

Ameno Resedá 7587

Recreio das Flores 3965

Amantes da Dindinha 2994

Pragas do Egito 2512 <sup>16</sup>

16. Jornal do Brasil, ano XXIII, n.74. Pág. 10. Sábado, 15 de março de 1913.

Vimos, na nota acima, que o objeto escolhido como prêmio no concurso promovido pela "Casa A Realidade" era um "belo bronze", "sobre uma rica coluna de peroba envernizada com filetes dourados" que, de acordo com o cronista, "representa a Glória, a Fama, a Música, a Poesia". O prêmio seria entregue à sociedade que se distinguisse pela "originalidade e beleza de suas fantasias, pela afinação de suas orquestras e harmonia dos seus cânticos".

Os prêmios oferecidos pelo Jornal do Brasil

O Jornal do Brasil como temos noticiado, adquiriu para a festa de

17. *Jornal do Brasil*, ano XXX, n.60. Pág. 9. Segunda-feira, 1 de março de 1920.

domingo próximo, riquíssimos e artísticos prêmios na importante e conhecida Casa Adamo, à rua do Ouvidor n.98, os quais de hoje em diante poderão ser vistos em uma das vitrines daquele acreditado estabelecimento. Em meio de custosas jóias e lindos objetos de arte, ali estarão em exposição, onde os entendidos poderão julgar seu valor e do gosto que presidiu a escolha, os dez prêmios que esta folha destinou ao ranchos aos quais é especialmente dedicada a "micarême" de 1920. Esses prêmios são os seguintes:

1º O "trabalho" de Domineon, premiado no "Salon" de Paris, grande e artístico bronze com lâmpada

2º "Mignon", lindo e gracioso bronze de Buchon

3º "Jeanne D'Arc", magnífico trabalho escultural de Guerrière

4º "Cascata", trabalho em terracota com espelho

5º "Taça" d'Arienne, artístico trabalho em mármore

6º "Discobolo", estatueta de mármore, obra de arte de Vichi

7º "Espelho", escultura de Veneza, de Paoli, de muito gosto e arte

8º Estatueta mitológica em mármore de Solaim

9º Busto de mulher em mármore de Romanelli

10º Artístico encosto para braços em mármore<sup>17</sup>

Os concursos não eram reduzidos a um único prêmio. Vários eram os prêmios, "dez no exemplo acima". Eram dispostos nas vitrines da loja para que

todos pudessem vê-los.

A escolha da "melhor sociedade" levava em conta, portanto, aspectos partilhados, "interesses comuns e de valores sociais" que as vinculavam. Vimos, desse modo, que critérios tais como a originalidade, a beleza, a afinação e a harmonia eram centrais para a classificação dessas sociedades. O "valor ritual" atribuído ao bronze indicava que era tal objeto centralizador de importantes interesses comuns, vinculando entre si as pessoas de uma sociedade carnavalesca e de sociedades rivais.

Sabemos, no entanto, que além de representar "a Glória, a Fama, a Música, a Poesia", os objetos também representavam o valor da "competição", do "concurso" entre as sociedades carnavalescas, forma ritual de serem colocadas em relação. As relações estabelecidas entre tais sociedades não eram apenas de confraternização, ou de aliança, mas também de competição, conflito e desavenças. Não podemos restringir as relações estabelecidas entre as sociedades, os comerciantes e o jornal como "trocas sociais" exclusivamente positivas ou isentas de contradições.

Encerramento do concurso "A Realidade"

Os trabalhos de apuração foram sempre fiscalizados pelos inte-

ressados e principalmente a última apuração que ontem realizamos e que teve a assistência de cento e tantas pessoas de diversas sociedades interessadas no pleito, e que desde a primeira até a última hora se revesaram no trabalho de fiscalização.

Apuração final:

Ameno Resedá 24699

Recreio das Flores 14979

Flor do Abacate 14086

(...)

Apuração em separado:

Democráticos 7874

Tenentes 6227

Fenianos 4979<sup>18</sup>

O "trabalho de fiscalização" acima descrito serve de exemplo para revelar as ambigüidades inerentes ao processo de relação entre os diversos atores sociais e as formas de expressão carnavalescas que conviviam no carnaval da cidade. Tendo sido o concurso realizado para premiar as "pequenas sociedades", muitos foram os votos encaminhados às "grandes sociedades", criando a necessidade de se fazer uma "apuração em separado" para essas últimas.

"Mais adesões à 'mi-carême dos ranchos' promovida pelo Jornal do Brasil".

1º O clube que pela votação popular for proclamado como tendo apresentado no ano o melhor préstito, fica sendo o detentor da Taça "Jornal do Brasil".

2º Se durante três anos conse-

cutivos for um mesmo clube o detentor ficará definitivamente proprietário da Taça Jornal do Brasil e considerado o campeão do triênio carnavalesco.

3º Se um dos clubes deixar de participar, num dos anos vigentes deste campeonato, poderá concorrer no ano seguinte se o mesmo campeonato ainda não estiver findo.

4º Se na vigência deste campeonato for fundado um outro clube congênere aos três já existentes e que pretenda com eles concorrer a conquista da Taça "Jornal do Brasil" deverá a sua diretoria comunicar por ofício a esta redação que procederá a uma sindicância, julgando como for de justiça.

5º O clube detentor da taça "Jornal do Brasil" ficará na obrigação de, na semana que antecede ao domingo de carnaval, entregá-la a esta redação, onde ficará depositada, a fim de voltar ao seu anterior depositário ou passar às mãos do novo campeão.

6º A apuração começará todos os anos na quarta-feira de cinzas e será feita diariamente nesta redação, às 17 horas, e terminará no sábado de Aleluia, às 14 horas, e o resultado se tornará público em boletim afixado na porta do "Jornal do Brasil" sendo o prêmio entregue ao clube vencedor nesse mesmo dia. Aos interessados será permitida a fiscalização das apurações.

Para este concurso, valerá o "coupon" publicado diariamente na primeira página do "Jornal do Brasil".

Às Pequenas Sociedades

Várias sociedades carnavalescas não tiveram tempo de se inscrever

18. Jornal do Brasil, ano XXIII, n.75. Pág. 22. Domingo, 16 de março de 1913.

19. *Jornal do Brasil*, ano XXX, n.55. Pág.10. Quarta-feira, 25 de fevereiro de 1920.

no Campeonato das Pequenas Sociedades, e isto devido aos seus múltiplos afazeres com os preparativos do seu carnaval. Atendendo as solicitações que lhe foram feitas, o "Jornal do Brasil" resolveu permitir que entrem no Campeonato todas as sociedades de existência real e que tivesse se apresentado em público com o seu cortejo, especialmente os ranchos que constituíram uma das notas mais brilhantes do carnaval.<sup>19</sup>

A nota acima, já da década de 1920, indica uma maior especialização da competição onde uma mesma "taça" permanecia temporariamente com a sociedade ganhadora, circulando, e mudando de "dono" a cada período carnavalesco. É como se um período de liminaridade se instalasse também no objeto que, durante os dias de carnaval, saía da posse da sociedade ganhadora do ano anterior e permanecia no "Jornal do Brasil" para, depois do concurso, ser entregue à nova sociedade ganhadora. Somente se determinada sociedade ganhasse o prêmio por três vezes consecutivas é que a "taça" poderia permanecer permanentemente com um mesmo "dono".

A rivalidade entre sociedades carnavalescas, antes de apontar aspectos negativos das "trocas sociais", indica um dos aspectos do processo urbano da

cidade do Rio de Janeiro, caracterizado no começo do século XX, por um grande associativismo. Foram os concursos promovidos pela Imprensa e pelo comércio, portanto, um modo de colocar as pequenas sociedades em um sistema mais democrático de relações.

Os deslocamentos feitos pelos ranchos que "visitavam" figuras importantes, tais como políticos, as "tias baianas", os representantes dos "jornais" indicam o destacado papel desses atores como mediadores sociais. Paralelamente aos encontros, as trocas se deram pelo confronto e competição entre as diversas sociedades que concorriam a prêmios e rivalizavam entre si, onde os concursos tiveram lugar importante. De certo modo, o concurso como confronto institucionalizado foi o dispositivo amplo que possibilitou essa integração.

O *ranking* de lugares a ser disputado nos desfiles competitivos seguiu, desde o início do século XX, uma lógica negociável em que importava estabelecer relações de comprometimento com os pares, de adesão, de contratação, de conhecimentos técnicos e de afetividades. O "funcionamento" dos ranchos era, em grande medida, orientado por padrões artísticos de música, dança e cortejo, onde se combinavam a "distinção", o "deslumbramento", o luxo e a idéia de civilidade.

A "organização", a presença de cronistas, músicos, artesãos e o confronto permanente com outros grupos foram fundamentais para distinguir os grupos e hierarquizá-los.

Interessa notar, por fim, que no mundo de posições sociais vislumbrado no universo dos ranchos carnavalescos e das escolas de samba do Rio de Janeiro, a rivalidade, a técnica, o trabalho e o lazer são dimensões que não se encontram dissociadas das formas expressivas e simbólicas de suas atividades cerimoniais - como os ensaios e os desfiles, mas são delas constituintes.

#### Referências:

BARBOSA, Orestes. Bambambã! (crônicas). Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1993. 1a. edição 1923.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti. O mecenato do jogo do bicho no carnaval carioca. In: O rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

FERREIRA, Felipe. Inventando carnavais: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.

GARDEL, André. O encontro entre Bandeira e Sinhô. Rio de Janeiro:

Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Prefeitura do Rio de Janeiro, 1996.

GONÇALVES, Renata de Sá. Os ranchos pedem passagem: o carnaval no Rio de Janeiro do começo do século XX. Rio de Janeiro: Coordenadoria de Documentação e Informação Cultural, Prefeitura do Rio de Janeiro, 2007. (Biblioteca Carioca; Publicação científica v.48).

SANTOS, Fábio Augusto de Oliveira. Uma festa e suas máscaras: carnavais populares no Rio de Janeiro de 1886 a 1923. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/ Assis, 2000. Dissertação de Mestrado. p. 128-9)

TRAJANO, Wilson. Músicos e Música no meio da Travessia. Universidade de Brasília. Departamento de Antropologia, 1984. Dissertação de mestrado.

VALENÇA, Rachel Teixeira. Palavras de purpurina. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1983. (Dissertação de mestrado).

VELHO, Gilberto & KUSCHNIR, Karina. "Mediação e metamorfose". Revista Mana. Estudos de Antropologia Social, vol.2. n.1, pp.97-108, abril 1996.

VIANNA, Hermano. O mistério do samba. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. UFRJ, 1995.